

CM - As pessoas falam em experiência administrativa do Flávio, mas ele fazia o interface do governo.

DM - Total. Ele ajudou muito a gente, muito, muito. Então, como os ministros ali do Palácio eram gerais, também não tinham tanto essa visão da realidade política, ele me ajudava muito: “olha, esse senador é do estado tal, aqui que o calo aperta, esse é aqui, vamos por ali, esse está contra, este está a favor”. Então ele, para ele também, ele foi um líder informal ali e ele nos ajudou muito, e por isso eu me motivei agora a ajudá-lo e a servir de novo, porque aprendi muito sobre essa realidade.

CM - Você aceita o rótulo de Paulo Guedes de saia ou você acha que isso tem um certo preconceito?

DM - Quando eu disse numa entrevista que eu não queria ser o Paulo Guedes de saia, mais uma reverência a ele, porque eu acho ele uma força tão superior intelectualmente a mim, e eu tive o privilégio de conviver com ele 11 anos, foram três doutorados pra mim, mas ele é um economista, doutor em economia, com uma experiência, uma bagagem de vida diferente da minha. Então, assim, não somos coisas comparáveis. Então é mais uma reverência a ele do que uma questão se isso é machismo ou não. Eu não ligo muito pra essas coisas, não.

CM - Qual o momento de bastidores, fora a pandemia, evidente que ali é um problema atípico, que você sentiu que estava colhendo resultados, que você e Paulo tiveram, tipo, puxa, o Brasil está funcionando, estão reagindo às nossas ideias. Qual um momento que você pode pensar, assim, que você sentiu que, de forma concreta, aquela política aplicada no governo Bolsonaro estava dando certo?

DM - Com certeza a reforma da Previdência. Foi uma construção coletiva e um senso de responsabilidade do brasileiro de que aquilo era necessário, não por algo individual, mas porque o resultado ia impactar todos positivamente. Então, quando você bota um milhão de pessoas na Paulista gritando: “um trilhão, Paulo Guedes tem razão”, numa reforma que, em tese, foi colocada como um sacrifício, e o resultado se provou porque o país voltou a crescer. Então esse foi um momento.



Daniella Marques também criticou o endividamento das famílias e o cenário econômico brasileiro

“Qual é a ressignificação do papel da Caixa que a gente faz no plano? Ao invés dela ser um banco obsoleto como está hoje, na era da tecnologia e do digital, a gente chama no plano econômico do Flávio de banco da prosperidade”

Daniella Marques

CM - Mas ali houve um instrumento muito inteligente de comunicação, de levar mensagem ao público. Isso é fundamental, o governo se comunicar bem.

DM - Exato. E por isso eu tenho feito um esforço agora muito grande, nesse aprendizado, de tentar falar de economia de uma forma mais simples, porque essas promessas vazias eleitoreiras ninguém aguenta mais. O brasileiro perdeu a fé nisso. Agora, então ele está vendo que a vida está ruim, ele fica olhando essa confusão toda no jornal e fala: “como é que a minha vida vai melhorar?”. E eu tenho tentado falar, em vez de falar de superávit, ajuste fiscal, falar assim: o orçamento do governo é igualzinho ao da sua casa. E quem não cuida das contas não cuida das pessoas. É ali que está o estrago, e a gente tem feito uma campanha muito honesta intelectualmente nesse sentido, e eu tenho tentado trazer esses exemplos justamente para que as pessoas entendam que, a hora que o governo baixa o combustível numa canetada, essa canetada tem um custo do outro lado que faz subir duas vezes o preço de forma indireta no que eles fizeram.

CM - Agora, como o governo resolve liberar uma ferramenta que está

atingindo o consumo, está atingindo o varejo, criando endividamento, criando o problema social, que é a questão das Bets? Você acha que a questão das apostas, da questão do endividamento, principalmente pela classe C, porque, como você fala, a pessoa está endividada, aí aparece lá um instrumento no celular que ela pode, de repente, ganhar, e às vezes ganha um pouquinho, mas... e que deixa de pagar aluguel... Como é que você vê essa questão das bets versus o consumo, versus endividamento e versus essa comoção social? Porque é importante lembrar que a regulamentação das bets é uma portaria do Ministério da Fazenda.

DM - E que está gerando uma bela arrecadação para eles tentarem fechar o buraco que eles mesmos criaram, né? Então, a bet é como quando você tá com febre ou quando aparece erupção na sua pele, aquilo é o sintomático de uma doença que você tem que investigar, né? A febre é um sintoma. A bet é um sintoma de quê? De um cidadão que está desesperado. Então ele joga na Bet esperando um milagre todo dia, porque não sabe como chega no final do mês. E aí, mais uma vez, o Lula faz um discurso direcionado

para as pessoas mais vulneráveis, se aproveitando da baixa escolaridade e dessa vulnerabilidade, você fala: “Ora, se ele regulamentou a BET, se ele permitiu que houvesse propaganda de BET, né?. As pessoas são superestimuladas, todos os times de futebol, na mídia e tal, você está super estimulado a pegar aquele milagre. Aí arrecada 40, 60 bi daquilo pra encher o cofre e depois fala: A BET é nociva”. Não. É como distribuir cigarro com uma carinha de criança colorida. Então eu acho que as pessoas estão percebendo que estão sendo enganadas. A mesma coisa é o 6 por 1. Se você chegar e falar assim, se eu chegar pro meu filho hoje e falar: “você quer jogar bola ou ir para escola? Ele vai responder que quer jogar bola”. Então você, um governo impor um único tipo de jornada de trabalho no intuito de enganar uma mãe como eu, né, que fala assim: Olha, você vai ter mais um dia pra descansar e ficar com seus filhos, como se isso não tivesse custo nenhum e, principalmente, como se não houvessem outras jornadas, a gente também é a favor da 5 por 2, mas e as enfermeiras que trabalham em regime de plantão? Os hotéis, os comissários, lá no Rio, o setor de petróleo, e quem vai para a plataforma 14 dias e volta? Então, assim, é criminoso, assim, é um escárnio ele prometer algo e engessar toda a economia do país numa carga horária única, dizer que isso não tem efeitos econômicos e levar uma propaganda pra fechar, pra chegar pra uma mãe e falar assim: Você vai ter um dia de descanso. Ela pode perder o emprego dela e ver se ela está disposta?

CM - E deixar para anun-

ciar isso ou votar no interregno de um possível segundo turno. Quer dizer, o uso eleitoral mais evidente disso é impossível, né?

DM - Enquanto isso, esconde qual é a alíquota da reforma tributária que eles fizeram para depois da eleição, porque os técnicos já informaram que um imposto de 28% de consumo, de valor agregado, a CBS e a IBS, vai ser o maior do mundo. Onde o presidente da Latam, você falou do setor de aviação e do turismo, já informou que a Latam paga hoje R\$2 bi de impostos, vai passar a pagar R\$6 bi, e quem vai pagar essa conta é o passageiro. Então vai ficar mais, a passagem que já está cara, né, vai ficar mais distante ainda para as pessoas de classe média, de classe baixa voarem, até para as pessoas mais ricas voarem.

CM - Eu queria voltar na questão da Caixa Econômica, porque você foi uma grande presidente da Caixa, está aí os números, você entregou a Caixa, se tornou um banco sólido e, sobretudo, com a visão social. A Caixa é a maior gestora de contratos públicos e não só gestora, como fiscalizadora. Mas e a Caixa como o banco do povo? A Caixa como o banco da favela, como você falou? Como é que você vê que é possível? Porque você é filha de um funcionário de carreira do Banco do Brasil, que é outra instituição. Caixa e Banco do Brasil se reúnem como instituições financeiras. Como é que você vê a importância que a Caixa tem e também aproveitando o Banco do Brasil dentro dessa equação, já que o seu pai foi funcionário do banco, foi gerente do banco e faz parte do DNA da família.

DM - Meu pai entrou como escriturário e terminou como gerente geral. A Caixa hoje é o banco operador de todas as políticas públicas do governo federal, PPC, o pagamento do INSS, Bolsa Família, FIES, tudo passa. Então todo brasileiro tem uma história com a Caixa, são mais de 160 milhões de clientes. Qual é a ressignificação do papel da Caixa que a gente faz no plano? Ao invés dela ser um banco obsoleto como está hoje, na era da tecnologia e do digital, a gente chama no plano econômico do Flávio de banco da prosperidade. O que é esse banco da prosperidade? É você ir lá e buscar o seu Bolsa Família, mas não só isso. Tanto no seu celular, com uma inteligência artificial, quanto capaci-